

RESENHA / REVIEW

Revista de
LETRAS

**BRANDÃO, IZABEL ET AL (ORG.). TRADUÇÕES DA
CULTURA: PERSPECTIVAS FEMINISTAS (1970 - 2010).
FLORIANÓPOLIS: EDUFAL, 2017.**

Por/By: Rosângela Fernandes Eleutério*

Por/By: Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros**

O livro *Traduções da Cultura: Perspectivas Feministas (1970 - 2010)*, organizado pelas pesquisadoras Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Cláudia de Lima Costa e Ana Cecília Acioli Lima reúne textos e escritoras que tratam sobre gênero e feminismo desde a década de 1970 a 2010. Há artigos originais em língua portuguesa e também textos traduzidos. Os textos aqui mediados pelos Estudos da Tradução visam responder sobre como a prática de traduzir textos literários reflete o feminismo de forma transnacional. Problematiza “a relevância de textos feministas e do seu alcance” e visa estimular “pesquisas e estudos ligados aos temas relações de gênero, mulheres e feminismos (2017, p. 16). A obra apresenta uma reflexão sobre a interdisciplinaridade desses temas, uma percepção e circulação dessas pesquisas no Brasil e visa esclarecer o lugar de fala de mulheres em relação às práticas tradutórias

Dividido em quatro partes, *Tradução da Cultura: Perspectivas Feministas (1970 – 2010)*, começa por apresentar o início da década de 1970 e as rotas de entrada das teorias feministas acerca da tradução e literatura. A escolha dos textos visa mostrar caminhos que levam a uma análise reflexiva acerca dos movimentos feministas iniciados durante a década de 1960. Os artigos que foram reunidos para compor a obra começam por expor as “militâncias políticas” e como as produções artísticas e acadêmicas “contribuíram para o surgimento da onda utópico feminista conhecida de modo mais geral como “segunda onda” do feminismo ocidental (2017, p. 21). A segunda parte trata sobre debates da crítica feminista que se deu na década de 1980 e dos pontos-chaves desse momento (2017, p. 32).

O primeiro artigo, “Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão”¹ de Adrienne Rich, coloca em discussão “o uso que o artista e pensador masculino tem feito da mulher, na sua vida e sua obra” (2017, p. 66). O termo assim graficamente marcado, “re-visão”, como se entende no texto é o ato de se voltar ao passado com um novo olhar, ou seja, fazer uma reavaliação da história. Essa é uma necessidade sustentada por autoras da qual Adrienne Rich fez uso para sua reflexão, como a antropóloga Jane Harrison, Sylvia Plath, Diane Wakoski, Virginia Woolf e Jane Austen. Susana Bornéo Funck, no artigo que se segue ao primeiro, “Adrienne Rich (1929-2012): uma cética apaixonada”, explica quem foi Rich e sua importância para os estudos literários e crítica-feminista que conhecemos hoje (2017, p. 85).

O texto “O riso da Medusa”² de Hélène Cixous é um dos tratados mais conhecidos da crítica literária feminista por abordar temáticas ainda “delicadas” quando relacionadas às vivências das mulheres, como por exemplo, amor e sexualidade. Cixous começa pela escrita feminina e da importância de que a mulher se escreva. Em suas palavras “que a mulher escreva sobre a mulher e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram de seus corpos” (2017, p. 129). O que Cixous faz é um manifesto. Uma súplica para que as mulheres, através da escrita, se libertem, deem voz e espaço para a imaginação, valorizem e deem visibilidade a outras mulheres. A autora traça considerações sobre a história, o corpo, a psique e a luta das mulheres convocando, sobretudo as leitoras, a tomarem seus espaços mesmo que subversivamente.

*Doutoranda em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil. Bolsista CAPES.

**Professor da UFSC, afiliado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.

A segunda parte dedicada a textos dos anos 1980, onde crítica e autocrítica é o tema central das discussões teóricas. Annette Kolodny, crítica literária estadunidense, em seu artigo “Dançando no campo minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista”³, faz uma investigação crítica sobre os estudos literários feministas iniciados nos anos 1970 e estende para a “ênfase crescente nos estudos literários feministas em tratar a literatura como instituição social, inserida não somente em suas próprias tradições literárias, mas também nos artefatos físicos e mentais específicos da sociedade da qual provém” (2017, p. 221). Sua pesquisa fundamenta-se em estudos introduzidos pela história da literatura dos séculos XVII, XVIII e XIX, as quais antes não era dada importância, mas que nesse período de 1980 começam a ser relidos, avaliados e considerados textos influentes sobre autoras atuais (2017, p. 230).

O texto seguinte é da crítica francesa Monique Wittig, “O pensamento *straight*”⁴, termo mantido em inglês, porque na língua portuguesa não existe uma palavra que expresse a conotação conservadora dos conceitos teóricos modernos criticados por Wittig (2017, p. 262). Neste artigo a autora discute a linguagem e discursos “engendram a linguística estrutural [...], que gera o estruturalismo, que gera o Inconsciente Estrutural” (2017, p. 263). Segundo Wittig, “o conjunto desses discursos produz uma estatística confusa para as/os oprimidas/os, que faz com que percam de vista a causa material da sua opressão e as/os joga em um tipo de vácuo a-histórico” (2017, p. 263). A autora discorre sobre aspectos referentes a heterossexualidade, a concepção heterossexual da mulher lésbica e os fundamentos desse inconsciente masculino que retratam lésbicas “como não mulheres”.

O texto “Introdução: Quem tem medo de Virginia Woolf? Leituras feministas de Woolf”⁵ de Toril Moi “examina algumas respostas negativas a Woolf” e indica alguns pontos “em direção a uma leitura mais positiva” da autora e resume “algumas características salientes da resposta feminista aos escritos de Woolf” (2017, p. 28). Moi discute sobre a rejeição à autora e salienta sobretudo a significância da literatura de Woolf para os estudos feministas e a escrita feita por mulheres. Izabel Brandão segue com o artigo “Toril Moi e a necessidade de autocrítica feminista” e dá continuidade da importância do olhar para a crítica literária feminista apontada por Moi, além de definir quem é a pesquisadora Toril Moi e sua influência nos estudos literários das mulheres.

Chandra Talpade Mohanty contribui com o texto “Sob os olhos do ocidente: estudos feministas e discursos coloniais”.

A terceira parte do livro que corresponde a estudos sobre a década de 1990 vem intitulada: “Anos 1990: do gênero às suas interseções” e é onde começa o debate sobre a teoria *queer* com o artigo de Gloria Anzaldúa “*Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana*”⁶ (2017, p. 408). A autora começa a tratar sobre a invisibilidade na crítica literária feministas das escritoras lésbicas. A autora trata a questão da mulher lésbica e os espaços que ocupa, quase sempre o marginalizado ou compreendido apenas em espaços correspondentes as mulheres brancas. Anzaldúa parte do seu local de fala, uma mulher mestiça, de origem indígena, lésbica, que encontra no termo *queer* um correspondente linguístico que abrangem e “evoca sentimentos e significados viscerais” (2017, p. 409). O texto trata de uma luta de decomposição de rótulos, estereótipos e visa esclarecer o quanto *queer* pode provocar expectativas, já que a palavra engloba uma série de conceitos similares que contemplam pessoas que não correspondem as normas branca, heterossexual e cisgênera.

Gayatri Chakravorty Spivak, no capítulo “Literatura”⁷, trata sobre as “vicissitudes da/do informante nativa/o como figura na representação literária” (2017, p. 578). A autora trabalha com a “oposição binária entre filosofia e literatura” (2017, p. 578) onde considerada, nas duas disciplinas, a/o informante nativa/o. Spivak aborda a figura da mulher europeia do século XIX como escritoras e pensadoras, como é sua recepção no mercado editorial, como atuam, como são lidas, suas temáticas e sua história. Para essa análise Spivak utiliza as obras *Jane Eyre* e *Frankenstein*, onde o enfoque é nas obras e não nas autoras, embora considere que “fazer tal distinção é, naturalmente, ignorar as lições da desconstrução” (2017, p. 581-582). Ademais dessas pesquisas, a autora visa discutir suas pressuposições sobre o “individualismo feminista” e o “imperialismo” na construção do ser humano como sujeitos individualistas (2017, p. 583).

Nara Araújo no capítulo “Repensando, a partir do feminismo, os estudos literários latino-americanos”⁸, trata sobre a teoria da crítica feminista, o enfoque desconstrutivista, “pensar em que medida da afirmação do crítico estadunidense (Jonathan Culler) poderia corresponder à situação dos estudos literários latino-americanos” (2017, p. 631). Dividido em três partes, em seu capítulo Araújo apresenta uma reflexão sobre a crítica literária feminista e discute alguns trabalhos relacionados à área como os desenvolvidos por Jonathan Culler (1984), Jean Franco (1986), Nely

Richard (1990), Amy Kaminsky (1993) e Margarita Mateo (1995), além de citar outras referências que são importantes para traçar um panorama da literatura, a partir do feminismo, na América Latina.

A quarta e última parte do livro intitulada “Anos 2000: Novas topografias teórico-críticas” traz textos que dão sequência às discussões filosóficas acerca do feminismo desde a de 1970 até os anos iniciais do século XXI. As questões feministas dos anos 2000 são discutidos em textos de autoras e pesquisadoras como: Avtar Brah, Ann Phoenix, Simone Pereira Schmidt, Judith Butler, Carla Rodrigues, Donna Haraway, Ildney Cavalcanti, Joan Haran, Breny Mendoza, Maria Aparecida Andrade Salgueiro, Greta Gaard e Izabel Brandão. Nesse período a perspectiva feminista abordada pelas pesquisadoras citadas contempla aspectos que evoluíram a partir dos estudos da teoria *queer* dos anos 1990. As autoras tratam de interseccionalidade, regulações de gênero, o corpo feminino e a relação com a animalidade feminina, ou seja, o corpo que sangra, que gera e as sujeições que animais mamíferos e mulheres compartilham por sua condição de gênero, a questão da mulher latino-americana e o ecofeminismo.

O livro traz artigos complementares de pesquisadoras que discutem, refletem e explanam com maior profundidade os textos das principais teóricas de cada período citado. Com o objetivo de difundir a história dos estudos feministas relacionado à tradução e cultura, *Traduções da Cultura* reúne textos fundamentais para pesquisadores (as) dedicados ao estudo de gênero, tradução e literatura. Uma obra que apresenta para o leitor textos de quatro períodos da história que revolucionaram as perspectivas dos estudos literário e que leva à discussão sobre o feminismo dos diferentes perfis de mulheres, de diferentes culturas e raças. Semeando ideias e inspirando coragem para que cada dia mais mulheres alcancem seu espaço nos mais diferentes lugares dominados, até aos dias atuais, pela cultura patriarcal.

NOTAS

- 1 Traduzido do inglês “When We Dead Awaken” por Susana Bornéo Funck
- 2 Traduzido do francês por Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
- 3 Traduzido do inglês por Rita T. Schmidt
- 4 Traduzido do francês por Ana Cecília Acioli Lima
- 5 Traduzido do inglês por Izabel Brandão
- 6 Traduzido do inglês por Tatiana Nascimento
- 7 Traduzido do inglês por Alcione Cunha da Silveira e Sandra Regina Goulart Almeida
- 8 Traduzido do espanhol por Eliane Tejera Lisboa